

O JOGO APLICADO AO PROCESSO EDUCATIVO DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI

Palavras-Chave: JOVEM, INFRAÇÃO, JOGO

Autores(as):

AMANDA CAROLLINE CACHEIRO TOBIAS, FCA - UNICAMP

Prof. Dr. LUÍS BRUNO DE GODOY (co-orientador), FCA - UNICAMP

Prof. Dr. ALCIDES JOSÉ SCAGLIA (orientador), FCA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O fenômeno jogo foi estudado por muitos autores ao longo dos anos, entre eles: Huizinga (2007), Caillois (1990, 1994), Schiller (2002), Scaglia (2021), Godoy (2022) e ainda continua sendo objeto de estudo para muitos. Esse interesse deve-se ao fato de que o jogo está presente em todos os estratos sociais e vem acompanhando o homem durante sua evolução, transpassando vários períodos, histórias, sociedades e culturas, e lançando-se a atual sociedade contemporânea. Essa estreita relação entre o jogo e o homem é o que o torna plenamente um indivíduo (SCHILLER, 2002). O jogo apresenta-se, então, como parte integral da própria vida e desempenha importantes papéis no desenvolvimento humano e formação, tanto cognitivo, quanto emocional, social e cultural.

Ultrapassando o contexto escolar e esportivo, caracteriza-se como uma das mais educativas atividades humanas, exercendo forte influência na formação do indivíduo como humano, dotado de sentimentos para além de um simples ser inteligente (FREIRE, 2002). É evidente, dessa forma, que o jogo possui um papel formador e transformador, sendo fundamental não só para o processo de desenvolvimento motor e cognitivo das crianças, como também para a formação humana.

É nesse sentido que este presente estudo surge, a fim de compreender como o jogo e suas manifestações se comportam em espaços onde há constante vigilância e o cerceamento da liberdade, como em casas de internação para jovens menores de 18 anos autores de ato infracional que feriram a norma social vigente, mas que caminham para uma reintegração social completa através da educação. Portanto, é de suma importância observar e analisar os impactos do cerceamento e das limitações impostas pelo ambiente no processo socioeducativo pelo qual os adolescentes são submetidos por lei, bem como as potencialidades do mesmo. E averiguar o desdobramento das medidas socioeducativas que buscam, teoricamente, ações não punitivas e docilizadas de reintegração social.

METODOLOGIA:

A pesquisa, de caráter qualitativo, se fundamentou em uma entrevista semiestruturada de modo a obter detalhes de crenças, percepções e descrições acerca da importância do fenômeno jogo na ressocialização e a sua aplicação nas medidas socioeducativas pelas quais os adolescentes autores de ato infracional são submetidos. A entrevista favorece uma relação interpessoal e troca social entre os participantes (entrevistador e entrevistado), carregando potencialidades para a produção de novas interpretações, reflexões e observações (GUBER, 2001). Devido ao seu caráter semiestruturado, há uma flexibilização onde o entrevistador utiliza um roteiro para realizar a entrevista, abrindo espaço para que o entrevistado discorra, de maneira subjetiva, sobre o assunto abordado (SANTOS; JESUS; BATTISTI, 2021). Ao combinar a pesquisa de campo com estratégias observacionais fez-se necessário a utilização de um diário de campo, ou seja, um caderno onde foram registradas e transcritas densamente as impressões e afetos acerca da realidade observada e vivida (MARTÍNEZ, 2007).

Os participantes foram representantes pedagógicos da Fundação Casa de Limeira - SP e socioeducadores que participam da aplicação de processos educativos de forma ativa. Os profissionais participantes foram: Profissionais da área pedagógica, como profissionais de educação física (1), pedagogos (1) e agentes educacionais (1); Profissionais do Psicossocial (1); Profissionais da área da segurança (1); e Profissionais da gestão, como diretor do centro (1) e encarregado de área técnica (1). O projeto foi aceito pelo Comitê de Ética e também aprovado pela UNICASA/ Fundação CASA/ SP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A medida socioeducativa e o esporte como um de seus segmentos

Dissemelhante à privação de liberdade destinada aos adultos que cometeram um crime, as medidas socioeducativas propõem ações menos contundentes que, como o próprio nome já diz, ofereçam oportunidades educativas e sociais ao jovem a fim de evitar que ele volte a desenvolver atividades delituosas. Segundo o ECA (BRASIL, 2015), o papel da medida socioeducativa é oferecer ao jovem a oportunidade de refletir sobre sua infração, buscando a mudança de comportamentos e atitudes. As medidas socioeducativas configuram-se como mais adequadas, pois visam atingir a reinserção social de forma menos punitiva possível, com a ajuda da família e comunidade.

Tanto a Constituição Federal quanto o ECA garantem às crianças brasileiras o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. Como necessidades humanas básicas, esses são direitos de toda população infanto-juvenil, e não privilégio exclusivo de classes sociais elevadas. Porém, para que os jogos, tanto brincadeiras quanto esporte, transpassem suas virtudes é importante o questionamento: O esporte, por si só, é educativo? Ao longo dos anos, o potencial formativo e os inúmeros ganhos advindos do esporte foram sendo disseminados em muitas instâncias sociais com muitos objetivos: formar corpos fortes e adestrados, forjar o caráter, afastar dos vícios e entre outros. Como se o esporte

tivesse uma espécie de poder e sua simples presença trouxesse uma série de benefícios de forma intrínseca, independente do contexto, de quem o pratica ou orienta.

No entanto, respondendo à pergunta anterior: o esporte por si só não é educativo. Há inúmeros exemplos na história de que o esporte, quando não orientado, não representa um sinônimo de divertimento, educação, formação e sociabilidade. Nessa mesma lógica, Belbenoit (1976, p. 54) defende que “o esporte não é educativo a priori. É o educador que precisa fazer dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação”. Dessa forma, ao pensar em esporte dentro das casas de internação para jovens em conflito com a lei, deve-se pensar que os potenciais do esporte só serão atingidos a partir de uma intencionalidade da prática (GACHET; LEONARDI; PRODÓCIMO, 2017, p. 56) e um ensino no esporte e não pelo esporte: “uma ação educativa no esporte, que transcende a simples repetição de movimentos, onde o jogo na prática esportiva constitui um ambiente formativo por excelência” (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009, p. 607).

O jogo dentro da Fundação CASA

O ambiente de internação é protegido e altamente controlado, tudo para que os meninos não fujam da medida socioeducativa e a cumpram plenamente. Existem muitas regras, rigidez com relação ao cumprimento das normas de conduta e rotina bem estabelecida para que os adolescentes as assimilem e reproduzam ao sair, atingindo uma ressocialização completa. Trata-se de um lugar em que o contexto se repete dia a dia, "praticamente todos os dias são a mesma coisa" pontua o psicólogo.

A partir do conceito utilizado de tempo livre (MUNNÉ, 1980), entende-se que na Fundação Casa, no período oposto ao Ensino Formal e às atividades obrigatórias, não há um momento para que os meninos decidam por si próprios o que querem fazer, de forma autônoma e criativa. Ao contrário disso, eles são sempre direcionados pela equipe responsável para alguma atividade esportiva ou de lazer. O único momento livre de fato que os jovens internados possuem para jogar é antes de serem trancados em seus quartos, contexto melhor descrito anteriormente.

Quando liberados para utilizarem as quadras "o que eles querem é deixar a bola rolar", disse a coordenadora pedagógica. Com a falta de professores de Educação Física no período da tarde, os adolescentes não têm aulas de educação física fora das salas de aula, de forma planejada e orientada. Portanto, no único contato que eles possuem com o esporte, são os agentes socioeducativos junto aos meninos que organizam a prática, o que será jogado é escolhido de acordo com a preferência dos meninos. Quando os entrevistados foram questionados acerca da modalidade mais praticada, foram assertivos em dizer que o futebol era o preferido deles, seguido pelo tênis de mesa.

No momento do jogo, os melhores jogadores são os responsáveis por escolherem o time, isso para evitar que um time acabe reunindo todos os bons jogadores e impossibilite que outros vençam. Uniforme, meião e chuteira são oferecidos pela CASA Limeira. Contudo, para os adolescentes, eles são craques de bola quando jogam sem chuteira. Conforme disse a diretora, “por mais que você ofereça

chuteira, meião e uniforme, eles querem jogar só de shorts e descalços. E é assim que eles se soltam bastante".

Quando se trata de instituições que queiram ensinar no esporte, profissionais que se fundamentam em práticas esportivas intencionais e jogadores que compreendem o jogo e sua importância são fundamentais. Por exemplo, um dos profissionais entrevistados é formado em Educação Física e já atuou na área dentro da fundação. Para planejar suas aulas ele levava em conta a promoção e discussões sobre valores, comportamentos e princípios sociais, como respeito, tomada de decisão, frustração, competitividade, trabalho em grupo e entre outros, assim, baseava-se no referencial socioeducativo (BERGER; GINCIENE; LEONARDI, 2020) e na intencionalidade da prática: "Eu tinha objetivos muito claros na minha forma de atuar com eles. Meus planejamentos de aula estavam muito voltados a isso (valores)", como afirma o professor de educação física.

Apesar disso, mesmo o ambiente de internação procurando controlar o dia e os corpos dos meninos, existem variantes, como os próprios funcionários e os meninos de localidades diferentes que entram e saem da fundação em tempos diferentes que contribuem para que o jogo nunca seja o mesmo. Já se sabe que o jogo é imprevisível e nunca se repete, e essa característica continua firme dentro da fundação. Quando saem da fundação, devem enfrentar o mesmo ambiente de jogo pelo qual advieram, mas agora já não são os mesmos jogadores que entraram, foram afetados pela medida e por todos que a compõem. Assim, espera-se novas tomadas de decisões dos jogadores frente às possibilidades oferecidas pelo jogo. Como ilustra o psicólogo, "é como se nós estivéssemos aqui em um laboratório onde algumas variantes são controladas e lá fora é totalmente descontrolado" e "lá fora fazem o que quer e aqui tem que seguir as regras".

CONCLUSÃO:

Um caminho para a ressocialização

A medida socioeducativa é composta por uma série de intervenções que objetivam a reintegração completa dos socioeducandos, porém, para que ela seja efetiva, todas as esferas sociais e políticas devem cumprir seu trabalho, inclusive a família e sociedade. O conjunto de atividades desenvolvidas pelos jovens em internação proporcionam um caminho para que eles possam subsistir em sociedade à medida que desenvolvem habilidades requeridas pelo mercado de trabalho, por exemplo. No entanto, não estão livres da passivação dos corpos e mentes, que os tornam contidos e obedientes às regras.

No entanto, a manifestação do jogo subverte esse cenário, pois ele permite o experimentar e o libertar dos corpos, que expressam livremente enquanto jogam. Assim, os jogos vividos pelos adolescentes, mesmo que não orientados por um profissional, apresentam-se como um meio emancipatório dos meninos. As casas de internação por si só não têm a capacidade de emancipar nenhum indivíduo, mas um indivíduo emancipado pode emancipar outro indivíduo: "quem emancipa não

precisa se preocupar com o que o emancipado deve aprender. Aprenderá o que quiser, talvez nada. Mas saberá que pode aprender” (LARROSA, 2014, p. 173).

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlata. 13a edição; 2015.

BELBENOIT, G. **O desporto na escola**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

BERGER, a. g.; GINCIENE, g.; LEONARDI, t. j. **Pedagogia do Esporte e o Referencial Socioeducativo: diálogos entre a teoria e a prática**. movimento, [s. l.], v. 26, p. e26063, 2020.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Portugal, 1990, 1994.

FREIRE, J. B. **Jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GACHET, E.; LEONARDI, T. J.; PRODÓCIMO, E. Influência de uma proposta de Futsal na manifestação de violência entre crianças. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 17, n. 2, p. 53-67, 2017.

GODOY, L. B. **O jogo do palhaço: do hospital à rua, da rua ao hospital**. Goiânia: Editora Talu Educacional, 2022.

GUBER, R. **La etnografia, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2014.

MARTÍNEZ, L. La Observación y el diario de campo en la definición de um tema de investigación. **Revista Perfiles Libertadores**, Institución Universitaria Los Libertadores, Bogotá, 2007.

MUNNÉ, F. (1980). **Psicosociologia del tiempo libre: Um enfoque crítico**. México, DF: Trilhas. 2021.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens**. Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

SANTOS, A. F.; JESUS, G. G.; BATTISTI, I. K. **Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa**. Salão do Conhecimento, UNIJUÍ, 2021.

SCAGLIA, A. J. **Pedagogia, Futebol... e Rua** Goiânia: Talu Educacional, 2021.

SHILLER, F. **A Educação estética do homem**. 4.ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.